

Atestado de competência

Durante sua passagem por São Paulo, há dias, o ex-presidente da Ford e da Chrysler mundiais, Lee Iacocca, que ficou conhecido mundialmente por seu talento na recuperação de empresas em dificuldades, disse que jamais seria empresário no Brasil. "É impossível administrar qualquer empresa diante de uma inflação tão alta", justificou.

A atividade empresarial num ambiente de tantas incertezas como o da economia brasileira nos últimos 10 ou 12 anos, de fato, tornou-se de altíssimo risco. E não apenas por causa da inflação, que tanto assusta um dos mais famosos dirigentes de empresa de todo o mundo. Na origem dos imensos problemas da economia brasileira está a crise financeira do Estado — que gasta sistematicamente mais do que arrecada e do que a sociedade pode pagar de impostos para sustentá-lo —, cuja persistência é a prova mais eloquente da incapacidade, ou inapetência, política de nossas elites dirigentes para encontrar as soluções necessárias.

É nesse ambiente de tremenda insegurança, no entanto, que o empresariado brasileiro tem conseguido resultados altamente positivos, numa demonstração de seu elevado grau de competência, o que o coloca certamente entre os melhores do mundo. Só o fato de o empresariado ter mantido praticamente intacto o parque produtivo brasileiro depois de mais de uma década de recessão, de persistente elevação dos índices de inflação e de planos colocados em prática em nome da estabilização, mas que não passaram de atentados contra o livre funcionamento da economia, seria o suficiente para demonstrar sua competência.

O empresariado brasileiro, porém, conseguiu não apenas preservar o parque produtivo num período de tantas turbulências. Conseguiu, de maneira surpreendente, elevar o grau de eficiência de suas empresas.

O IBGE acaba de divulgar números segundo os quais, neste ano, a produtividade na indústria brasileira cresceu 18,2% em relação ao ano passado. Esse número, que resulta da comparação do volume de produção com o número de horas trabalhadas, é a demonstração de que as empresas brasileiras se adaptaram à crise, bus-

caram a redução de seus custos e atingiram um grau de eficiência que as coloca em condições de competir com suas similares internacionais.

Não se pode ignorar que esse ganho de produtividade resulta não apenas do aumento da produção industrial, mas também da redução do nível de emprego, que, neste ano, acumula uma queda de 2,3% (e, nos últimos 12 meses, de 4,9%, segundo o IBGE).

Num mercado internacional cada vez mais competitivo, a elevação da produtividade deve ser uma preocupação constante — talvez até obsessiva — do empresário que pretenda ampliar, ou mesmo manter, sua fatia nesse mercado. Por essa razão, é pouco provável que, nos níveis atuais de produção, postos de trabalho que foram fechados nas fábricas venham a ser reabertos.

Esse fenômeno já vem ocorrendo, de maneira estrutural, nos países industrializados e tende a tornar-se o principal problema econômico-social desses países. Também no Brasil esse desemprego tem caráter estrutural, mas aqui a margem para a ampliação e diversificação da produção é tanto maior que a que existe no Primeiro Mundo quanto nossas instituições e nossa política são, respectivamente, menos sólidas e menos civilizadas que a deles. Em outras palavras, enquanto lá se trata de economias saturadas que já ocuparam todo o espaço que tinham para ocupar, aqui falamos de uma economia reprimida pela política e pela insegurança institucional que tem condições de crescer muito mais rapidamente do que os ganhos de produtividade poderão fazer diminuir o número de trabalhadores empregados em cada tipo de atividade. A retomada do crescimento abrirá a oportunidade para a ocupação dessa faixa, com a conseqüente ampliação da oferta de emprego, em nível, provavelmente, mais do que suficiente para abrigar a mão-de-obra que está sendo poupada neste momento.

Para isso, porém, é preciso que os dirigentes políticos do Brasil tenham coragem para remover os obstáculos que impedem a estabilização econômica e a retomada do desenvolvimento.

6661 NOV 21 JORNAL DA TARDE